

 **MULHER E SUA CONDIÇÃO NA
SOCIEDADE PÓS-MODERNA:**

PROPOSTA DE UMA BIOÉTICA TEOLÓGICA DAS RELAÇÕES HUMANAS

*Helena de Fátima Gonçalves de Castro **

RESUMO

Diante da fragmentação da identidade pessoal e comunitária no contexto da globalização contactamos os limites das ciências e das religiões a respeito da relação de gênero, que ora legitimam a superioridade do homem, ou a inferioridade da mulher. Para isso apresentamos a proposta de um novo modelo de reciprocidade, cujas bases estão fixadas no Amor de Deus, que radica a abertura necessária ao outro e, que deve ser gestado no imaginário das relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. Pós-Moderno. Mulheres. Relações Humanas.

ABSTRACT

In face of the fragmentation of community and personal identity on a globalized context we now get in touch with the scientific and religious limits of genders relationship which sometimes stands for a male superiority and on others for a female inferiority. In that sense we've come up with a proposal for a new model of reciprocity that sets its basis on love and God, which plants the necessary opening to each other and that, must be inserted and generated human relations imaginary field.

KEY-WORDS: Bioethics. Post-modern. Women. Human Relations.

* Licenciada em FILOSOFIA, VARIANTE HISTÓRIA DAS IDÉIAS, pela *Universidade Nova de Lisboa*, Mestre em FILOSOFIA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA pela *Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, Professora de FILOSOFIA da *Escola Secundária de Vozzela* e Pós-Graduada em BIOÉTICA pelo *Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa do Porto*.

INTRODUÇÃO

Nenhum homem, nenhuma mulher de boa vontade pode esquivar-se ao compromisso de lutar para vencer o mal com o bem. É uma batalha que se combate validamente somente com as armas do amor. Quando o bem vence o mal reina o amor, e onde reina o amor reina a paz¹.

A reflexão que se segue é apenas mais um contributo na luta por vencer o mal. Lutamos com a força das palavras contra a invisibilidade, a indiferença, a falta de esperança, o medo, a opressão e a convivência silenciosa com ela. Este mal de muitos nomes está disseminado na sociedade, em geral, nas diversas instituições e afeta, de modo por vezes discreto, mas profundo, a vida das mulheres de muitos lugares, e ainda, as do mundo Ocidental.

A problemática da condição das mulheres radica essencialmente na necessidade de mudança de mentalidades e, conseqüentemente, de educação.

Não se trata de uma postura de vitimização das mulheres, mas de análise e de tomada de consciência da enorme solidão que rodeia tantos projetos de vida que ficaram e ficam ainda hoje pelo caminho apenas porque as suas protagonistas seriam mulheres. Analisando, na perspectiva de Jung, a personalidade de Psique no mito de Eros e Psique, diz-nos Robert Johnson:

Psique é [...] bonita, charmosa, tem parte de deusa; [...] é tão magnificente, tão fora deste mundo, tão virginal e pura, que é adorada, mas não é cortejada. Isto é uma experiência absolutamente solitária. [...] Há uma Psique em toda a mulher, o que significa ser muito sozinha. De certo modo

¹ Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz – 1º de Janeiro de 2005 - nº 12.

toda a mulher é filha de rei: muito amável, muito perfeita, com muita riqueza interior para um mundo tão comum².

As concepções de homem e de mulher interferem decisivamente nas relações entre as pessoas e nessas relações influenciam a construção da identidade, a felicidade de cada um e da sociedade em geral.

Com o advento da industrialização, os modelos tradicionais de pensar o homem e a mulher sofreram uma fragilização devido ao novo mundo que surgia. E na atual sociedade pós-moderna sente-se uma perplexidade face à inadequação desses modelos e também à fragmentação da identidade pessoal e coletiva, que parecem impedir o nascimento de um novo conjunto de valores orientadores da vida humana em todas as dimensões.

Hoje, confrontamo-nos com uma urgente renovação da antropologia, da teologia, da psicologia, pois os paradigmas interpretativos habituais parecem sofrer de uma amnésia relativamente à mulher.

A antropologia carece de reforçar no seu discurso a presença do feminino como vertente indispensável do humano, referindo o aspecto sexuado da humanidade enquanto condição de vida, de amor, de relação e de personalização.

A teologia, depois de afirmar doutrinalmente a igual dignidade de mulheres e homens, carece de continuar a refletir nos modos em que o chamamento à participação humana no projeto salvífico se repercute na mulher, enquanto vocacionada a ser outro Cristo neste mundo.

² JOHNSON, Robert A. *SHE, A Chave do Entendimento da Psicologia Feminina*. Tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercury, 1987, p. 9, p. 15-16.

A psicologia necessita de abandonar as leituras anteriores que definiam a personalidade feminina a partir dos dados da cultura, pois sabemos que a cultura constrói as expectativas e interfere no modo como cada um se pensa e se projeta.

Neste contexto em que está muito por fazer, será possível encontrar um sentido integral e integrador das relações humanas?

Ao modelo de relação em que predomina o domínio da figura paterna / masculina chamou-se modelo patriarcal. Ele é, na generalidade das sociedades humanas, quer do Ocidente, quer do Oriente, e mesmo nas sociedades primitivas, o mais presente e preside, como o tem feito durante séculos, às estratégias conscientes e inconscientes de humilhação e violação da dignidade feminina em todos os campos da vida, desde o ambiente doméstico ao social.

O jornalista e escritor brasileiro Fernando Gabeira afirma: [...] é preciso fixar que existe uma política sexual. As relações entre duas pessoas, ainda que sejam envolvidas pelo manto das relações afetivas e do amor, ainda que sejam chamadas de relações amorosas, são, na realidade, relações de poder. E nessas relações de poder predomina o exercício do domínio de um sobre o outro. [...] Outra questão, também importante, é que não podemos discutir apenas a exploração de uma mulher por um homem. Isto não nos dará uma visão geral, pois faltará ainda um aspecto, fundamental, que é a exploração de todas as mulheres por todos os homens, no sentido de que os homens criaram instituições que são um prolongamento da exploração que realizam a nível doméstico, a nível individual. Este aspecto é importante, na medida em que permite a transição da luta pela transformação pessoal, para a luta pela transformação mais geral da sociedade, no sentido de propiciar o surgimento de um novo homem e de uma nova

mulher, [...] que saiam realmente da pré-história que vivemos hoje³.

O mesmo autor exemplifica o seu pensamento com uma referência histórica importante : “Um aspecto fundamental, que marca muito a história das relações entre o homem e a mulher, é essa instituição de que a mulher é uma propriedade privada do homem”. Assim, na Antiguidade, sempre que um homem violentava uma mulher, era chamado a responder na justiça, “não pelo crime que ele cometeu contra a mulher, mas pelo crime que ele cometeu contra o marido que era proprietário da mulher”⁴.

É, então, necessária uma conscientização por parte das mulheres, mas também de toda a sociedade, já que ela institucionaliza e hierarquiza as relações de poder entre as pessoas. É que não existe na natureza, isto é, na gênese biológica, nenhum fundamento para a supremacia de um ser humano sobre outro.

1.0 URGENTE SUPERAÇÃO DAS CONCEPÇÕES TRADICIONAIS DA MULHER

Anne Carr refere três tipos de concepção da mulher onde se espelham os preconceitos acerca da mesma:

- concepções das mulheres como propriedade ou objetos;
- como perigosamente sensuais e carnisais;
- como dotadas, com romantismo, de superioridade moral e espiritual⁵.

³ GABEIRA, Fernando. Machismo. In: *Macho, Masculino, Homem*, L&PM, 1986, Porto Alegre, RS, p.11-12.

⁴ Ibidem, p. 15.

⁵ CARR, Anne. *A Mulher na Igreja*. Tradução de António J. Pinto Ribeiro. Lisboa: Temas e Debates, 1997, p. 124.

Para ultrapassar a corrente dos preconceitos é necessário conceber a mulher como momento histórico do humano total na sua diferença bio-psico-sócio-espiritual. Ela não pode continuar a ser vista como uma parte ou um complemento, sempre por referência à esfera masculina, que lhe serve de termo de comparação.

A visão antropológica do humano deve incluir um olhar explícito sobre a condição da mulher e, nesse sentido, encontrar a plena humanidade da condição feminina. A mulher e o homem são pessoas, são seres dialogais, cuja realização profunda se opera, tanto na sua experiência vital exterior da intercomunicação com o outro/outros, como na mais profunda interioridade, onde radica a fonte de sentido e tudo encontra o seu significado e interpretação vital.

Consideramos que a visão da mulher por referência ao homem, como seu ser complementar é, ainda inadequada, pois tem dado origem a uma teologia e a uma ideologia que continuam a secundarizar a mulher na sua relação com o homem.

É urgente reconhecer a liberdade para a qual fomos criados. La Boétie, no século XVI, no seu *Discurso sobre a Servidão Voluntária* afirma algo que nos faz ver o evidente:

Até os bois sob o jugo andam gemendo. E na gaiola as aves vão chorando. [...] Todas as coisas que têm sentimento sentem, pois, a dor da sujeição e suspiram pela liberdade. [...] A que azar, pois, se deverá que o homem, livre por natureza, tenha perdido a memória da sua condição e o desejo de a ela regressar?⁶

⁶ DE LA BOÉTIE, Étienne. *Discurso sobre a Servidão Voluntária*. Tradução e Prefácio de Manuel João Gomes. Lisboa: Antígona, 1997, p. 29.

A educação, como um processo global de toda a sociedade, precisa ser revista nos seus pressupostos consciente ou inconscientemente sexistas. A nossa linguagem, o nosso estilo, o modo como encaramos o poder de educar, a liberdade com que somos capazes de viver ou não, o nosso projeto de vida pessoal e o contexto histórico-espacial-cultural que envolvem o nosso pensar e o nosso agir, tudo o que somos enquanto pessoas vai refletir-se no que fazemos enquanto educadores.

Ao contrário do modelo vigente, caracterizado pela supremacia de uns sobre outros, quer nas relações entre os povos, quer entre pessoas, cuja conseqüência é obviamente a injustiça, a opressão e o aniquilamento da dignidade e dos direitos de um enorme número de pessoas, Luís Carlos Margarido Correia, jornalista, aponta-nos uma perspectiva educativa do Homem como *Homo Gaudens*, isto é, como “um sujeito definido pela sua especial capacidade para encontrar a alegria”⁷. Obviamente que só é possível a alegria autêntica, onde a justiça e a paz, a liberdade e a dignidade das pessoas são uma realidade experimentada. Se, de fato, aceitarmos este desafio, todas as nossas concepções tradicionais de subjugação e domínio serão ultrapassadas, pois ele implica a constituição de novas bases para as relações humanas.

2.0 UM NOVO FUNDAMENTO ÉTICO PARA AS RELAÇÕES HUMANAS

As modernas pedagogias acentuam a importância da cooperação, da co-responsabilidade, do diálogo, da autocrítica, do espírito de iniciativa, do esforço e do empenho pessoal na superação de dificuldades, da importância da interajuda,

⁷ CORREIA, Luís Carlos Margarido. *Educar para o Terceiro Milénio Uma Missão Cósmica*. Lisboa: DIEL, 1996, p. 83.

como formas de criação de relações interpessoais e sociais mais justas e equilibradas. Embora não seja este ambiente que os jovens encontram no mundo, estes valores postos em prática em todos os contextos de relacionamento humano darão origem a uma nova sociedade, porque modificarão os pressupostos inerentes às relações humanas.

Não é necessário estar muito atento para concluir que para mudar a sociedade há que modificar o comportamento ético das pessoas umas com as outras, não com normas vindas do exterior, nem com decretos, mas com uma nova imagem de Homem e Mulher construída num contexto educativo saudável, onde reinem os valores já anteriormente referidos. Ou seja, a partir do interior de cada um, do modo como cada um aprende a pensar-se, a projetar o seu futuro, a construir a sua imagem.

Segundo uma perspectiva meramente teórica, a concepção de uma bipolaridade ontológica do humano, em que homem e mulher, masculino e feminino, realizam a totalidade da expressão humana no mundo, parece apreciável e não pode deixar de ser tida em consideração, pois implica de ambas as partes a necessidade de reconhecer a sua incompletude e a necessária relação entre si, numa abertura à alteridade e ao mistério do outro.

No entanto, a concepção da complementaridade entre homem e mulher continua a conduzir a uma visão redutora na prática das relações humanas, já que não evita a hierarquização dessas relações, levando a novas e subtis formas de domínio de uns sobre os outros. Ao apontar uma diferença comparativa entre homem e mulher, reforça os laços de submissão da mulher em relação ao homem, fazendo esquecer que a relação entre ambos é, necessariamente, interdependente. Assim, este modelo tem de ser superado, ainda que seja o modelo mais aceite.

Deste modo, ousou socorrer-me da tese desenvolvida por Faustino Caldas Ferreira, padre Redentorista, sobre “O PRINCÍPIO DE RECIPROCIDADE – FUNDAMENTO E EMPENHO ÉTICO DAS NOVAS RELAÇÕES SOCIOECONÔMICAS ENTRE PESSOAS E POVOS”. Neste trabalho, o autor cita Gregory Bateson: “A relação é sempre um produto de descrição dupla. É correto (e significa um grande progresso) começar a pensar as duas partes da interação como dois olhos, que separadamente fornecem uma visão monocular daquilo que acontece e, em conjunto, uma visão binocular em profundidade”⁸.

Do ponto de vista qualitativo, podemos dizer que, segundo Bateson, a soma do que os dois olhos podem ver em conjunto é muito mais do que a soma daquilo que cada um deles pode ver separadamente. Na realidade, experimentamos que a cooperação nos leva muito mais longe do que o individualismo.

Partindo da concepção personalista, que vê a pessoa como ser-em-relação e levando até às últimas conseqüências este ponto de partida, somos conduzidos a afirmar que a relação faz a pessoa, no jogo permanente de identidades e diferenças livremente interpretadas e projetadas. As relações que constroem pessoas não são apenas aquelas que efetivamente acontecem, mas também aquelas que se desejam. Por isso, a relação faz a pessoa e a pessoa faz a relação.

De fato, a modelação cultural das relações vai sendo alterada pela própria mudança das condições históricas, sociais, econômicas, políticas, geográficas que envolvem essas relações e as pessoas que as materializam.

Consideramos, portanto, passível de alteração qualitativa o modelo de relações humanas atualmente vigente.

⁸ FERREIRA, Faustino Caldas. *O Princípio de Reciprocidade*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1995, p. 445.

Para essa alteração desejamos contribuir ativamente propondo, como superação de uma perspectiva complementarista das relações entre homens e mulheres, uma nova caracterização do humano a partir do **Princípio de Reciprocidade**, que Faustino Caldas Ferreira defende como “o princípio ontológico e constitutivo do humano”. Por este princípio, cada ser humano, homem ou mulher, há de reconhecer-se como nascido de uma relação, constituído pessoalmente como ser relacional, carente de afeto e de amor, que é chamado a dar e receber na comunicação vital de si mesmo, enquanto projeto pessoal sempre em construção. Deste modo, não há superiores nem inferiores, ninguém se julgará no direito de retirar a liberdade de viver e de pensar a outro, a linguagem da violência ou da posse instrumental do outro será banida do vocabulário relacional, a escuta atenta do diferente substituir-se-á às subtis estratégias de invisibilização ou menorização.

3.0 UM NOVO FUNDAMENTO TEOLÓGICO DAS RELAÇÕES HUMANAS

As religiões e, em particular, o Cristianismo tiveram e têm um papel importante a cumprir na construção dessa nova civilização e do modelo de relacionamento humano que nela existirá. O religioso entranha-se, de fato, no universo simbólico, onde a totalidade da experiência vital é significada, tornando-se a dimensão que melhor exprime a densidade significativa do mundo humano.

Baseadas não num discurso qualquer, mas na busca da própria vivência transcendente do Homem, as religiões chegam onde a filosofia não pode chegar. Todas elas, de uma forma ou de outra procuram desvendar ao Homem o mistério de Deus e nEle encontrar a resposta para a questão intemporal: O que é o Homem/o que é a Mulher?.

A nossa abordagem centrar-se-á sumariamente em três aspectos que consideramos centrais no Cristianismo: a Visão Paternal/Maternal de Deus, Cristo – Modelo da Humanidade Futura e a Mulher como Ícone de Cristo e a relação de Comunhão no seio da Trindade.

3.1 A VISÃO PATERNAL/MATERNAL DE DEUS

Não podemos deixar de reconhecer que a nossa língua fala de Deus de um modo eminentemente masculino, até porque é preciso ter em conta que “toda a linguagem sobre Deus é antropomórfica”⁹.

No entanto, a Bíblia, expressa no Antigo Testamento, a experiência peculiar que o povo de Israel faz de Deus, tanto na sua vertente masculina como feminina. O Deus de Israel é simultaneamente o Senhor e Criador, o Guia do povo, mas também é Aquele que cuida, chama, alimenta, espera e acarinha o povo.

No Novo Testamento, a figura de Maria, que os cristãos rapidamente intitularam Mãe de Deus, não pode deixar de marcar um importante momento de viragem na visão andrógina acerca de Deus, já que obriga a repensar Deus enquanto Aquele que Se entrega à Humanidade tendo como mediadora e colaboradora primeira uma mulher simples do povo.

Numa moderna leitura antropomórfica de Deus, hoje, pode pensar-se Deus como Mãe, e não apenas como Pai, já que a geração e o cuidado permanente dos filhos é uma tarefa histórica e simbolicamente confiada às mulheres, decorrente do seu natural relacionamento biológico e psicológico com a maternidade e tal tarefa é também atribuída a Deus.

⁹ SANTISO, Maria Teresa P. *A Mulher, Espaço de Salvação*. Tradução de I.F.L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 305.

O contributo maternal é de uma importância primordial para a espécie, tão primordial que nas religiões primitivas podemos encontrar modelos de divindade simbolizados pela figura feminina do ventre e dos peitos, ainda anteriores à estruturação patriarcal da sociedade. Diz-nos Xabier Picaza:

O primeiro continente que os homens descobriram, a primeira experiência que captaram é a experiência da força germinante de vida da mãe. Ela é a primeira percepção, a primeira realidade concretizada que os homens formulam com alegria sobre o mundo. A mãe é o primeiro sinal do humano e do divino enquanto tem poder sobre a vida¹⁰.

Este poder maternal divino, não é propriamente uma pessoa, é um poder de geração e sustentação na existência, simbolizado como a grande mãe, uma “mulher de peitos fortes e ventre extenso”¹¹, exprimindo uma concepção não-violenta e igualitária do cosmos.

Criticando a tese freudiana sobre a origem violenta da religião, o mesmo autor defende que “não nascemos da guerra dos deuses (teomaquia) nem da guerra inter-humana (antropogonia como antropomaquia), mas da ternura geradora da mãe que nos faz crescer e realizar desde a primeira debilidade”¹².

Partindo desta abordagem podemos consciencializar melhor o quanto a interiorização simbólica da maternidade acabou por ser fundante para a concepção religiosa do homem e da mulher, prevalecendo ao longo dos tempos nas sociedades.

¹⁰ PIKAZA, Xabier. *Para Comprender Hombre y Mujer en las Religiones*. Navarra: EVD, 1996, p. 16.

¹¹ Idem, p. 19.

¹² Ibidem, ibidem.

Assim, a concepção maternal de Deus traz alguma novidade numa sociedade de matriz patriarcal, que sempre valorizou a imagem masculina de Deus: ao assumir-se a mãe como primeira “mostração” de Deus, o princípio da fé e da vida deixa de se fixar na angústia ou na violência para se radicar no cuidado como fundamento.

3.2 CRISTO, MODELO DA HUMANIDADE FUTURA

No Cristianismo encontramos o fundo experiencial-vivencial que melhor possibilita a perspectivação da Humanidade Futura liberta de uma visão limitada ou hierarquizada do humano, onde mulher e homem poderão olhar-se sem medo, porque foi vencido o pecado e a morte. Assumindo-se, em Cristo, definitivamente como uma religião histórica, o Cristianismo, apresenta não só a relação filial de Cristo enquanto relação modelar, como ainda, apresenta o seu estilo de vida -um estilo que definirá o Homem e a Mulher do Futuro, fazendo emergir nas Bem-Aventuranças e na Caridade os valores principais de construção do Reino de Deus.

A injustiça, a impureza e a soberba não são possíveis nesse novo Reino que há de construir-se na paz, na mansidão, na justiça, no serviço ao próximo, na misericórdia. Estes valores são de forma clara, incompatíveis com a atual visão e situação hierarquizada das relações humanas e sociais, já que a interpretação do poder hierárquico leva a conceder a alguns seres humanos direitos que não podem ser partilhados com outros - são os privilégios e as regalias, quase sempre ligados às grandes e às pequenas desigualdades.

As relações de Cristo com o Pai são pessoais, de mútua doação e pertença incondicional. Cristo, homem, Servo de Yahveh, é o Filho que tudo recebe e tudo dá, constituindo-Se como modelo de humanidade, das relações do Homem

com Deus e das relações dos seres humanos entre si. A doação, o serviço, não é, portanto, prerrogativa única das mulheres, mas desafio para homens e mulheres. E, neste sentido, quer homem quer mulher são convidados a ser imagem de Cristo no seu modo de vida. Não há, por isso, fundamento para pensar a mulher como um ícone menos digno de Cristo devido ao seu sexo. A Cristificação Salvífica da humanidade é um processo do qual são co-participantes tanto os homens quanto as mulheres.

3.3 A RELAÇÃO DE COMUNHÃO NA TRINDADE

O Amor, a Caridade, na Trindade define, simultaneamente, a natureza das relações das Três Pessoas e a sua essência pessoal. Na Trindade, a reciprocidade ganha o seu sentido último, pois não é uma expectativa, é uma certeza, introduzindo-nos, assim, na compreensão mais profunda do tipo de relações que deveremos estabelecer uns com os outros. A Sua reciprocidade não é interesseira, não é imposta, não é dependente, é comunhão e diálogo permanente.

À luz da Trindade a nova visão das relações entre o homem e a mulher extravasa, ou melhor, re-significa a dimensão simbólica das mulheres que se realizarão mais profundamente, na dádiva integral de si, não apenas como alimento ou sustentação vital que existe em função de outros, mas como vida que vale por si mesma, com um empenho valioso e redentor, recuperando, co-responsavelmente, em todas as tarefas vivenciais, o rosto perdido de Deus na sua vida e na de outros.

CONCLUSÃO

No momento atual em que a fragmentação da identidade pessoal e comunitária são dos riscos mais sérios

da globalização, conquista e vertigem da sociedade pós-moderna, somos desafiados (as) a lançar as nossas raízes em valores que brotem do mais íntimo de nós mesmos(as) e que materializem de forma simples e concreta a esperança de que todos precisamos caminhar rumo a um futuro possível.

O novo modelo de reciprocidade possui em si a potencialidade absolutamente nova de conduzir a humanidade a refundar todo o imaginário das relações humanas, sociais, políticas e econômicas.

Nesse modelo, cujas bases estão fixadas no próprio dom de Deus, que é Amor, radica a abertura necessária ao outro, condição primeira de humanidade.